



**SUJEITO CRIATIVO: POSSIBILIDADES FRENTE
À SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Priscila Aline Fogaça

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

SUJEITO CRIATIVO: POSSIBILIDADES FRENTE
À SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do Curso de graduação em
Psicologia, sob orientação da Profa. Dra.
Tânia Maria Cemin

Priscila Aline Fogaça

Caxias do Sul, 2019

AGRADECIMENTOS

Apesar de não conseguir expressar em palavras a minha gratidão, tento assim fazê-lo, pois este trabalho e a formação em Psicologia não teria sido possível por mérito exclusivo meu. Muitas pessoas, situações e experiências me vêm à mente e quero tentar deixar registrado aqui um pouco do meu reconhecimento de que a caminhada até aqui não é só minha.

Agradeço a Deus, criador de tudo o que existe, que por sua graça nos permite o conhecimento e todo fazer científico e profissional. Minha gratidão por, apesar das minhas falhas, Deus me ensinar que esta profissão é para a glória dEle, sendo que o ser humano é alvo de seu amor e Ele usa a Psicologia como um instrumento para compreender os sujeitos e promover sua saúde. Sou grata pelo cuidado com a minha vida durante todo esse percurso e espero transbordar esse cuidado através dessa profissão.

Agradeço a Deus pela família em que me colocou, tanto a de sangue como a da fé. Aos meus pais, maiores incentivadores e aqueles que se sacrificaram para me criar, educar e para que eu pudesse estudar. A minha mãe Marisete, que não mede esforços para me ver feliz. Obrigada por tanto amor, suporte, pela preocupação, por cada ajuda, seja financeira ou emocional e por tornar a casa um lar acolhedor, dando combustível para eu seguir. Admiro a mulher guerreira que és e que me incentiva a ser, acreditando e confiando em mim. Ao meu pai Paulo, que sempre priorizou meus estudos e sempre batalhou para que isso fosse possível. Admiro o homem honesto que és, que me ensina a não passar em cima dos interesses dos outros para atingir os meus, o que me faz procurar ser ética não só para a futura profissão, mas em todas áreas da vida. O que vocês fizeram e ainda fazem por mim não tem como expressar em palavras. Amo vocês!

Agradeço a minha irmã Paula, minha melhor amiga, com quem pude desabafar tantas vezes e me aconselhar neste percurso. Tu és um exemplo para mim de alguém que usa sua profissão como instrumento de Deus e és excelente no que faz. Obrigada por me conhecer tão bem e me amar, da sua maneira particular, pois sei que cada crítica é uma preocupação e interesse sincero pela minha vida. Te amo!

Agradeço ao meu noivo, Emerson, meu melhor amigo, que sempre foi muito parceiro e esteve presente nos momentos bons e ruins desta trajetória. Agradeço por ter vivenciado comigo intensamente esse período, tendo sido muito paciente e ouvinte. Obrigada por tantas vezes que abriu mão das tuas vontades, por ter me perdoado nos momentos de estresse e por ter cuidado tão bem de mim. Este processo se tornou mais leve

sabendo que podia contar contigo, independente do meu estado emocional ou da situação. Agradeço a Deus por quem tu és e por ser você. Eu te amo!

Aos meus padrinhos, Renato e Marisete, por serem presentes na minha vida, demonstrarem preocupação e cuidado por mim. Realmente são segundos pais para mim e muito preciosos. Aos dindos de coração, Sola e Tadeu, obrigada pelo coração grande e disposto a me ajudar para que eu pudesse realizar este curso. Sem vocês, dificilmente teria conseguido. Admiro e amo vocês!

Agradeço a todos os demais familiares e amigos que me deram suporte, apoiaram, se importaram e dividiram comigo essa conquista. Pude perceber as orações e o quanto desejam meu bem e meu sucesso. Vocês são presentes de Deus em minha vida! Em especial, as amigas e futuras colegas de trabalho, Carolina e Francieli, com quem pude compartilhar essa trajetória para muito além da vida acadêmica. Vocês moram, para sempre, no meu coração!

Agradeço à professora Magda Macedo Madalozzo, supervisora de estágio neste período final de curso, que demonstrou acreditar no meu potencial e me inspirou a ser melhor como pessoa e profissional. Tenho grande admiração por você como psicóloga professora e pessoa. Obrigada, por apesar de ter tanto conhecimento, ensinar com tanta humildade e sensibilidade.

Agradeço a querida professora e orientadora, Tania Maria Wagner. Sou muito grata pela maneira especial com que você conduziu este processo, transmitindo seu conhecimento com transparência e confiança. Pude acreditar no meu trabalho, através da confiança no teu. Admiro a pessoa e profissional excelente que és, muito verdadeira e comprometida com o que fazes. O teu amor pela Psicologia faz com que me apaixone mais pela profissão. Obrigada por ter respeitado minhas singularidades, ao mesmo tempo em que me estimulou a melhorar. Não tenho palavras para expressar o quanto você foi fundamental para a construção deste trabalho e da minha formação. Para você, meu abraço cheio de gratidão.

Por fim, agradeço à Universidade de Caxias do Sul, que proporcionou o contato com competentes profissionais. Professores, a dedicação com que prepararam as aulas, a paixão por ensinar, o compromisso com a Psicologia, tudo isso está guardado com muito carinho. Tenho certeza da qualidade da formação que a universidade oportunizou. Aprendi com a mente e com o coração. Obrigada por possibilitarem a realização desse sonho e serem exemplos de profissionais.

EPÍGRAFE

Adoro contemplar o horizonte e imaginar todas as possibilidades.

(Anne Shirley-Cuthbert, *Anne With an E*, 2017).

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	11
Objetivo geral.....	11
Objetivos específicos.....	11
REVISÃO DA LITERATURA.....	12
Criatividade: caracterização com base em Winnicott.....	12
Vulnerabilidade Social: conceito e relação com Psicologia Comunitária.....	14
MÉTODO DE PESQUISA	18
Delineamento	18
Fontes.....	18
Instrumentos.....	19
Procedimentos.....	19
Referencial de análise	19
RESULTADOS.....	20
DISCUSSÃO.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias e subcategorias de análise e recortes definidos para análise.....20

Resumo

A importância da criatividade para um desenvolvimento pleno e saudável do sujeito vem sendo reconhecida. A criatividade pode ser entendida como um recurso que possibilita a descoberta de respostas mais eficazes frente a um ambiente ou situação desfavorável. Discussões a respeito da vulnerabilidade social têm sido cada vez mais promovidas, em diversos âmbitos de nível nacional, para o desenvolvimento de políticas públicas e garantia de direitos de crianças e adolescentes nesta situação. O presente trabalho teve como objetivo identificar possíveis contribuições da teoria winnicottiana, no que diz respeito à criatividade, em relação à situação de vulnerabilidade social, tomando como objeto de análise recortes de uma série. Para que o objetivo proposto pudesse ser alcançado foram definidas duas categorias de análise: a categoria Vulnerabilidade social e a categoria Criatividade, abrangendo as subcategorias “conflitos internos” e “relacionamentos”. O estudo se configura como qualitativo e foi utilizada a análise de conteúdo de Laville e Dionne para a discussão do artefato cultural, sendo que foi escolhido a série *Anne with an E*, baseada na obra de L. M. Montgomery. Os dados analisados apontaram para a possibilidade de um viver criativo frente à situação de vulnerabilidade social, bem como possíveis contribuições do psicólogo. Após a discussão das duas categorias de análise, identifica-se que a promoção do viver criativo deve ser estimulada e incentivada para o desenvolvimento saudável dos sujeitos, em diferentes contextos.

Palavras-chave: Criatividade, Winnicott, Vulnerabilidade Social.

INTRODUÇÃO

A Psicologia, como ciência e profissão, abrange diversas áreas de atuação e um grande arsenal de possibilidades para aprofundamento. Diz-se popularmente “onde há pessoas, há possibilidade da Psicologia estar inserida”. No Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, isto foi evidenciado: muitos são os temas possíveis de se aprofundar e que a Psicologia pode abranger, sendo que esta escolha cabe ao estudante, algo que até então não havia sido experimentado. Este processo de escolha do tema pode gerar certa angústia no acadêmico, porém se faz necessário para experienciar uma nova forma de aprendizagem e uma nova forma de preparação para o futuro profissional de Psicologia.

Diante disto, o tema escolhido se deu principalmente a partir do que mais chamou atenção durante o percurso acadêmico. Desde o início do curso, apresentou-se o interesse pela constituição do psiquismo desde a infância, considerando as características das distintas etapas evolutivas do desenvolvimento humano. Sendo assim, compreender sobre aspectos que interferem no desenvolvimento, bem como a infância em diferentes contextos de vulnerabilidade e risco, foi de extrema importância neste processo de formação.

Neste sentido, compreender o ser humano na dimensão biopsicossocial, permite um olhar para o sujeito em seu contexto social, para a construção de sua subjetividade e identidade, bem como para os fenômenos psicossociais na contemporaneidade. O aprendizado nesta caminhada sobre as diferenças das concepções de indivíduo e de sujeito possibilitou perceber o ser humano como ator em sua história e a importância da conscientização no desempenho deste papel de protagonista. Neste contexto, percebeu-se novas possibilidades de atuação do psicólogo, assim como refletir sobre a ética e o compromisso do psicólogo social.

Além disto, as práticas vivenciadas em estágio proporcionaram o contato com alguns pacientes em contexto de vulnerabilidade social, através do acolhimento aos responsáveis de crianças que estavam aguardando para atendimento psicológico. Esta experiência possibilitou identificar demandas desta população e, também, pensar sobre as políticas públicas, em diferentes âmbitos, como saúde e educação.

Do mesmo modo, o Estágio em Clínica Ampliada contribuiu para pensar em intervenções breves, sendo realizado em uma instituição de saúde e ensino, que atende à população SUS (Sistema Único de Saúde). Neste estágio, foi possível realizar atendimentos com diferentes pacientes de diversas áreas de um hospital, que permitiu pensar sobre as diferentes formas dos sujeitos perceberem e agirem frente às doenças. Com

isto, pode-se pensar na criatividade como forma de desenvolvimento do sujeito e como esta capacidade pode promover saúde mental.

A criatividade é contemplada neste trabalho, sendo que atualmente sua importância para o desenvolvimento pleno e saudável do sujeito vem sendo reconhecida. Por isto, é um aspecto a ser estimulado e valorizado. Além disto, as pesquisas no que se refere à população infantil e adolescente, devem ser sempre incentivadas. (Nakano & Zaia, 2012). Como afirma Viana, Imbrizi e Jurdi (2017), desde a infância, a criança necessita ser considerada como sujeito da história, em seu contexto social e cultural e a partir de suas interações com o meio social e familiar. Por esta razão, é necessário ampliar as formas de interação com as mesmas, permitindo a expressão de suas formas criativas de olhar para si e para o mundo, bem como suas fantasias e imaginação, através do brincar, sendo este um dispositivo para a criatividade.

Neste sentido, a teoria de winnicottiana aborda contribuições significativas em relação à criatividade, sendo esta considerada como aspecto da vida e do viver total, isto é, do estar vivo. O autor afirma que o indivíduo descobre o eu (*self*) somente sendo criativo e utilizando sua personalidade de maneira integral, sendo esta manifestada no brincar. Ele afirma que o estado saudável do ser humano implica em viver criativamente. (Winnicott, 1975).

A vulnerabilidade social é compreendida como derivada de situações de pobreza, privação aos serviços públicos, fragilidade de vínculos afetivos e relacionais, assim como de pertencimento social, que abrange discriminações por aspectos como idade, etnia, gênero, deficiências, entre outras. (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004). Segundo Costa e Rossetti-Ferreira (2009), há cada vez mais discussões a nível nacional, tanto no desenvolvimento de políticas públicas, quanto no âmbito científico, acadêmico e jurídico, no que se refere às orientações para garantia de direitos de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social, para a convivência na família e na comunidade.

Neste sentido, Ribeiro e Guzzo (2014) afirmam que o compromisso do psicólogo é problematizar a sua contribuição em novos contextos de atuação. Segundo as autoras, é necessário que os próprios profissionais de psicologia, em sua formação, sejam conscientizados em promover mudanças na sociedade, no intuito de refletir sobre ações mais integrais, que ampliem as concepções de indivíduo. Neste perspectiva, busca-se novas possibilidades, como trabalhos a nível grupal e em equipes interdisciplinares, inserção do psicólogo na comunidade e participação política, pensando-se em diferentes impactos no

social. A partir desta conscientização do próprio profissional, espera-se que este processo também seja proporcionado às pessoas, para reivindicação e fortalecimento de direitos.

Tendo isto em vista, buscou-se explicitar a concepção de Winnicott a respeito da criatividade e de que maneira ela pode se relacionar com sujeitos em contextos de vulnerabilidade social. Faz-se assim, a contribuição para a construção das práticas do psicólogo inserido no contexto da Psicologia Social Comunitária. Dessa forma, o problema de pesquisa a que se propõe responder foi: Quais as possíveis contribuições da teoria winnicottiana, no que diz respeito à criatividade, em relação à situação de vulnerabilidade social?

OBJETIVO GERAL

Identificar possíveis contribuições da teoria winnicottiana, no que diz respeito à criatividade, em relação à situação de vulnerabilidade social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever os aspectos fundamentais acerca da criatividade, pela perspectiva winnicottiana.

Apresentar os conceitos de vulnerabilidade social, articulando com a Psicologia Comunitária.

Fazer possíveis relações entre criatividade e situação de vulnerabilidade social.

REVISÃO DA LITERATURA

Criatividade: caracterização e entendimento com base em Winnicott

Atualmente, a criatividade tem sido considerada como importante para o desenvolvimento do sujeito, de forma completa e sadia. (Nakano & Zaia, 2012). Na teoria winnicottiana, a criatividade está relacionada ao desenvolvimento emocional, como fator primordial para a concepção do sujeito de sua existência: de que sua vida é digna de ser vivida. Isto se contrapõe ao que Winnicott denomina como submissão à realidade externa, sendo esta considerada como um fator de doença para o sujeito. O autor ressalta que este conceito está separado da ideia de criação artística, como de obras de arte, mas está relacionado à ideia de estar vivo. (Winnicott, 1975). Sakamoto (1999) também faz esta relação do criar com o existir, bem como uma forma de ampliar a consciência do ser, do sentir e do agir. Este potencial de desenvolvimento criativo depende inicialmente de um ambiente facilitador e de ajustes adaptativos progressivos.

Malavolta e Biazus (2014) descrevem que a estruturação egóica, assim como a experiência espontânea do viver criativo, proposto por Winnicott, pode possibilitar que o sujeito seja realmente humano, criando sua própria história, bem como manter a capacidade de criar o mundo, experienciada na infância. Os autores trazem o conceito de *holding* de Winnicott, que se refere à sustentação do bebê pela mãe, que significa a firmeza com que é amado e desejado como filho. Esta experiência física e simbólica, se satisfatória, pode facilitar o processo de integração egóica posteriormente. Neste sentido, Maia e Vieira (2016) afirmam, “viver criativamente advém de uma maternagem suficientemente boa, que no ser humano se dá a partir da presença humana de outro ser humano.” (p. 66). Sobre a relação mãe-bebê, em sua fase inicial, a qual Winnicott (1983) considera de extrema importância, o autor afirma que:

A mãe suficientemente boa alimenta a onipotência do lactente e até certo ponto vê sentido nisso. E o faz repetidamente. Um *self* verdadeiro começa a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente [...] O *self* verdadeiro não se torna uma realidade viva exceto como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou alucinação sensorial do lactente. (p. 133).

Na fase primitiva, a mãe preocupa-se exclusivamente com seu bebê e esta pode fornecer a experiência de onipotência do mesmo, adaptando-se suficientemente às necessidades do bebê. Esta experiência é permitida ao bebê por meio de uma boa quantidade de ilusão fornecida a ele, sendo que esta ilusão diz respeito à percepção do bebê

de que ele concebe e cria o mundo. É dessa maneira que ele poderá aceitar e utilizar a desilusão (Winnicott, 1988). Ainda sobre ilusão, trata-se de um conceito fundamental ao desenvolvimento psíquico, segundo essa teoria. Abadi (1998) considera que a ilusão serve para acalmar a dificuldade da passagem da fantasia para a realidade. Assim, quando há uma experiência suficientemente boa, produz-se no bebê a ilusão de que a realidade corresponde à sua capacidade de criar, tendo-se uma mãe que se adapta às necessidades desse. A partir disso, é possível que ele aceite a desilusão, caso contrário, o bebê resiste a abandonar o pensamento mágico e onipotente, apresentando perda da capacidade de reconhecer a realidade, ou seja, instala-se patologia.

Winnicott (1982) aborda que a experiência da primeira amamentação é repetida por milhares de vezes, na qual a realidade externa lhe é apresentada e ocorre a sensação de que sua necessidade é criada e constata-se que existe. Conforme explica o autor:

Daí se desenvolve uma convicção de que o mundo pode conter o que é querido e preciso, resultando na esperança do bebê em que existe uma relação viva entre a realidade interna e a realidade exterior, entre a capacidade criadora, inata e primária, e o mundo em geral, que é compartilhado por todos. (p. 101)

Em um primeiro estágio, o bebê é totalmente dependente da mãe e tem a percepção de que os dois são um só. Depois ele passa por um processo em que se diferencia da mãe. Neste estágio, a dependência é relativa e é iniciado o processo de percepção da realidade, isto é, de que existe um Eu e um não-Eu. É neste momento que surge o objeto transicional, que é a primeira possessão não-Eu da criança, tendo a função de fazer a mediação da relação com o mundo e consigo próprio. Assim, ocorre a passagem entre mundo interno e mundo externo, que se dá pela transição destes dois mundos. Winnicott (1975) denomina isto de espaço transicional ou área de criatividade, caracterizado pela presença de objetos transicionais.

Neste sentido, é que Winnicott descreve o brincar, como um espaço potencial entre mãe e bebê, uma área intermediária de experimentação de vida dos indivíduos, que não pertence nem à realidade interna e nem à externa compartilhada. O autor afirma que:

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo, e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*) [...] o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra a ansiedade, mas como expressão do eu sou, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. Nesse posicionamento tudo é criativo. (Winnicott, 1975, p. 82-83).

A partir desse processo de desenvolvimento psíquico bem sucedido, pode-se entender que o indivíduo está apropriado para vivenciar diferentes situações ao longo de sua vida.

Vulnerabilidade Social: conceito e relação com a Psicologia Comunitária

O conceito de vulnerabilidade começou a ser traçado no início da década de 1980, período em que houve pandemia de AIDS. A doença estava associada ao medo e à moral, e junto a isto havia pessoas socialmente discriminadas, como homossexuais e usuários de drogas, compondo o que foi denominado como “grupo de risco”. Os fatores de risco identificados em grupos como estes geraram a classificação de “vulnerabilidade coletiva” e “vulnerabilidade individual”. Após mudanças de nomenclaturas, a vulnerabilidade passou a ser relacionada com a questão dos direitos humanos, como base para a análise de vulnerabilidades. Neste sentido, a privação do acesso aos direitos devido, por exemplo à desigualdade social, pode colocar determinada população em situação de vulnerabilidade social. (Ayres, 2014; Gomes et al., 2015).

A vulnerabilidade, segundo Fonseca, Sena, Santos, Dias e Costa (2013), pode ser comprovada por inadequações e deficiências estruturais, condições precárias de moradia, poucas possibilidades de acesso a instituições e aos serviços públicos. Segundo os autores:

Existem componentes importantes para avaliar as condições de maior ou de menor vulnerabilidade social, individual ou coletiva. Entre esses componentes podem ser citados: o acesso aos meios de comunicação, a escolarização, a disponibilidade de recursos materiais, a autonomia para influenciar nas decisões políticas e a possibilidade de enfrentar barreiras culturais e de estar livre de coerções violentas ou poder defender-se delas (p. 260).

Neste sentido, faz-se necessário caracterizar o conceito de risco, conforme preconizam os artigos presentes no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Considera-se como risco toda e qualquer circunstância que viole os direitos básicos previstos para as crianças e adolescentes. Essas ocorrências envolvem suspeita de exposição a condições adversas, caracterizadas por serem maléficas ao desenvolvimento psicológico, bem como passíveis de causar danos físicos ou danos morais à criança ou adolescente. A exposição à situação de risco preconiza que, provavelmente, está havendo a omissão ou negligência da família, bem como a de outros grupos sociais ou do governo. O trabalho infantil, a prostituição e o abandono são a forma de mensurar a negligência quanto aos direitos básicos. (Costa, em Hillesheim & Cruz, 2008).

Guareschi, Reis, Huning e Bertuzzi (2007) utilizam-se do conceito de vulnerabilidade social proposto por Ayres, em 1999, como uma situação social mais abrangente do que apenas associado aos fatores de riscos. As autoras não entendem a vulnerabilidade com a perspectiva do indivíduo em condição de vulnerável, mas relacionado às condições de vida e arranjos sociais e políticos, vinculado ao conceito de mobilidade social. Mobilidade social refere-se à possibilidade dos indivíduos se movimentarem nas estruturas sociais e econômicas, isto é, poderem progredir para níveis de bem-estar melhores ou diminuir as chances de piorar as suas condições de vida. Portanto, os modos de participação do Estado, no que se refere à promoção da vida humana, são considerados no contexto vulnerabilidade social. (Gomes et al., 2015).

Assim, para Abramovay (em Guareschi et al., 2007), “a vulnerabilidade social é definida como situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade” (p. 19). Exemplos disso são situações de falta de acesso de bens e serviços básicos, o que não necessariamente está relacionado à situação econômica de pobreza, como também à questão de cor da pele, gênero e orientação sexual. Por esta razão, é preciso analisar os aspectos específicos de uma comunidade para se considerar ou não situação de vulnerabilidade social, passando do plano individual para o social, compreendendo a diferença dos mesmos, mas também não os indissociando. Neste sentido, deve-se desconstruir um olhar individualizante, em que a condição de vulnerável é colocada sob a responsabilidade do indivíduo ou sua família. (Gomes et al., 2015).

As políticas públicas, neste contexto, surgem como formas de programas e ações com o intuito de assegurar os direitos sociais da população, como uma forma de analisar o que é e o que não é realizado pelo governo (Gomes et al., 2015). A infância e a adolescência possuem prioridade na elaboração das políticas públicas, sendo função do Estado assegurar tal prioridade. Considera-se que a proteção a essas etapas evolutivas deve ser pública, universal e gratuita, sendo dever do Estado garantir os meios para o desenvolvimento saudável. As crianças e adolescentes em situação de risco ou vulnerabilidade social, neste sentido, devem ser olhadas com atenção. (Zaniani & Boarini, 2011).

Neste contexto, a prática do psicólogo, voltada às demandas sociais, deve ser através de uma atuação crítica, com o compromisso de transformação social, na qual a condição de vulnerabilidade é superada através da conscientização. (Gomes et al., 2015). Tendo isto em vista, será apresentado aspectos fundamentais a respeito da Psicologia Comunitária e o fazer *psi* neste campo de atuação.

A prática dessa ciência se desenvolveu inicialmente em comunidades de baixa renda, junto a movimentos sociais. A Psicologia Comunitária teve seu início no Brasil, na década de 1960, quando buscava-se uma deselitização da profissão e a melhoria das condições de vida da população trabalhadora. Segundo Ferreira (2014), ocorreu alterações na nomenclatura deste campo da Psicologia, passando de Psicologia na Comunidade, para Psicologia da Comunidade e após para Psicologia Social Comunitária, sendo esta última definida como disciplina em 1965. Neste contexto, a Psicologia Comunitária é considerada uma ramificação da Psicologia Social, tendo como concepção de indivíduo uma realidade social, histórica e cultural, ou seja, o indivíduo é compreendido como ser sócio-histórico, em contínua construção.

Cabe ressaltar aqui que o conceito de comunidade possui diferentes concepções, em diferentes áreas. O conceito de comunidade para Psicologia Social Comunitária possui características próprias desta área. De acordo com Campos (2005), a comunidade é onde grande parte da vida cotidiana é vivida, podendo ela ser compreendida como geográfica, como um bairro, ou como psicossocial, como os colegas de profissão. Para Ferreira (2014), a comunidade é uma maneira de viver em sociedade, sendo esta singular e significativa.

Atualmente, a Psicologia Comunitária tem o objetivo de desenvolver estudos, análises e intervenções para problemáticas contemporâneas, em relação aos aspectos psicossociais na comunidade. O trabalho do psicólogo neste campo do conhecimento envolve ações voltadas para a comunidade e está muito presente nas políticas públicas. Atua-se junto aos sistemas de saúde e educação pública do país, como ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em diversos campos de trabalho, como postos de saúde e creches. Ainda, utiliza-se de técnicas da Psicologia Social, sendo que esta se propõe a problematizar e propor ações no âmbito social, em diferentes espaços institucionais e comunitários, com base na compreensão dos fenômenos sociais e coletivos. (Campos, 2005; Ferreira, 2014).

Por esta razão, Ferreira (2014) afirma que a atuação do psicólogo “tornou-se menos acadêmica, menos intelectual, e mais voltada à compreensão e vivência da população, permitindo acesso aos profissionais da Psicologia, como é de direito a todo cidadão”. (p. 19). Busca-se, portanto, proporcionar a inter-relação da comunidade com a coletividade, entendendo-se que esta possibilita que os afetos e novos comportamentos sejam exteriorizados.

Góis (em Campos, 2005), acerca da psicologia comunitária, afirma que “seu problema central é a transformação do indivíduo em sujeito”. (p.11). O mesmo autor (em Lane, 2005), enfatiza que a psicologia comunitária estuda as condições que impedem o

indivíduo de ser sujeito e as condições que o tornam sujeito em uma comunidade. A partir disso, trabalha-se para a construção de sua personalidade, de sua individualidade crítica, de sua identidade e de uma nova realidade social. No mesmo sentido, Campos (2005) descreve que o objetivo da prática da psicologia comunitária é que os grupos sejam protagonistas de sua própria história e na busca da resolução dos problemas enfrentados.

O compromisso desta prática é a transformação social, ultrapassando a lógica individualizante do fazer psi. Realizar práticas críticas e transformadoras não é sinônimo de atuação do psicólogo em contextos de pobreza, mas formas de trabalho que rompam com a naturalização dos fenômenos psicológicos, compreendendo a subjetividade de forma contextualizada. Neste sentido, a transformação social pode estar ligada à diminuição da desigualdade social e da violação de direitos, ou seja, melhores condições de vida da população. Neste contexto, criou-se pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) o Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), que realiza pesquisas sobre o fazer do psicólogo no campo social. A participação do psicólogo nas políticas públicas ganhou força com sua inserção na política de Assistência Social, com destaque nos Centros de Referência de Assistência Social, no qual a ênfase de trabalho e com as famílias consideradas em situação de risco e vulnerabilidade social. (Ferreira, 2014; Leão, Oliveira & Carvalho, 2014).

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) descreve as ações do psicólogo neste contexto, que são, de forma geral, com as famílias, por meio de: vigilância social, que produz e sistematiza indicadores e índices de situações de vulnerabilidades e riscos nos territórios; mapeamento do território, com o objetivo de identificar as instituições e os serviços existentes no território; busca ativa de usuários que necessitam dos serviços do CRAS; acolhida, escuta empática e expressão da subjetividade; encaminhamento para outros espaços e serviços; visita domiciliar para compreender a realidade do grupo familiar e fortalecer os vínculos familiares e comunitários; acompanhamento familiar, descrita como principal atividade e base para todas as outras; articulação da rede de serviços socioassistenciais; articulação da rede de serviços intersetoriais para acesso aos serviços setoriais; grupos com atividades socioeducativas, para convivência e fortalecimento de vínculos. (Brasil, em Leão et al., 2014).

MÉTODO

Delineamento

O delineamento dessa pesquisa deu-se por meio da análise qualitativa, de cunho exploratório e interpretativo. A pesquisa qualitativa, segundo Lakatos e Marconi (2017), pode apresentar riqueza de dados descritivos, com enfoque na realidade, de maneira complexa e contextualizada. A partir disto, entende-se que este tipo de pesquisa ofereceu vasto levantamento de dados e um entendimento mais amplo para a compreensão de possíveis contribuições da teoria winnicottiana no que diz respeito à criatividade, em relação à situação de vulnerabilidade social.

Neste sentido, a pesquisa exploratória oportuniza maior proximidade com o problema, com uma visão geral sobre o mesmo, dando melhor suporte para construção de hipóteses, na busca de compreensão dos fenômenos. O principal objetivo deste tipo de pesquisa é “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (Gil, 2008, p. 27). Neste contexto, realizou-se a pesquisa bibliográfica, utilizando-se de materiais publicados, que forneceram embasamento teórico para este trabalho. Portanto, a pesquisa exploratória tem por objetivo examinar se o material consultado oferece subsídios úteis para a pesquisa. (Gil, 2008).

A pesquisa interpretativa é considerada, por Gil (2008), a última etapa deste processo e a mais complexa. Nesta etapa foi realizada uma associação do que a literatura afirma em relação ao problema em questão. Assim, a partir dos dados obtidos, a leitura interpretativa oportunizou uma compreensão mais ampla dos dados, com a ligação de outros conhecimentos. Para tal, procurou-se interpretar de forma crítica e atribuir diferentes significados ao que os autores abordam.

Fontes

A presente pesquisa utilizou como fonte um artefato cultural, sendo este dois episódios da série *Anne with an E*, em português traduzido para “Anne com E” (Walley-Becket, 2017). A série é produzida pela *Netflix* e pela produtora canadense *CBC Television*, baseada no livro de L. M. Montgomery “*Anne of Green Gables*”, de 1908, sendo que no Brasil recebe o nome de *Anne Shirley* e *Anne de Green Gables*. A série conta a história de Anne Shirley, uma menina de 13 anos, adotada por engano por um casal de irmãos, Matthew e Marilla Cuthbert, que na verdade queriam um menino para ajudar nas tarefas de sua fazenda. Anne demonstra ter capacidade criativa, apesar de seu passado ser demarcado por situação de vulnerabilidade social.

Instrumentos

Os dados, os quais serviram de material de análise desse estudo, foram coletados do artefato cultural – uma série escolhida para entendimento e discussão. Para a organização dos dados, foi elaborada uma tabela que apresenta as categorias e recortes de cenas de dois episódios da série *Anne with an E*. Tais recortes serviram de objeto de análise e discussão, sendo que buscou-se um entendimento dos mesmos com base nos construtos teóricos previamente definidos: vulnerabilidade social e criatividade winnicottiana.

Procedimentos

Foi realizada uma revisão de literatura, a partir de capítulos de livros científicos e de obras clássicas do autor Winnicott (BICE-UCS). Também foram utilizados artigos científicos, através de bases de dados como BVS-PSI, PEPSICO e SCIELO, sendo alguns dos descritores utilizados: vulnerabilidade social, criatividade e psicologia comunitária.

Após isto, as etapas consistiram em assistir a série, selecionar os recortes que ilustram o tema em questão, descrever e agrupar as cenas, definir as categorias, sendo estas definidas *a posteriori*. Por fim, estabelecer uma possível discussão entre as categorias e o conteúdo das cenas com o referencial teórico construído.

Referencial de Análise

O referencial de análise foi realizado a partir da análise de conteúdo, de Laville e Dionne (1999). Os autores explicam que este processo consiste em etapas, iniciando-se na coleta de dados das fontes, sendo necessário a organização destes dados. Após, deve ser realizado um apanhado de seu conteúdo, desmontando o sua estrutura e seus elementos, para esclarecer suas características e extrair sua significação, o que consiste a análise de conteúdo. Assim, o pesquisador efetua um recorte dos conteúdos em elementos que deverão, em seguida, ser agrupados em torno de categorias. As categorias são definidas, segundo os autores, em três modelos: aberto, fechado e misto. Foi utilizado o modelo aberto, no qual “as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise.” (Laville & Dionne, 1999, p. 219). A estratégia utilizada foi a de emparelhamento, sendo este o método que permite relacionar os dados obtidos com a teoria, a fim de compará-los.

RESULTADOS

A análise dos dados teve início a partir da definição dos recortes da série utilizada para a condução desse estudo. Assim, foi possível também agrupar as cenas e nomear as categorias e subcategorias para facilitar o entendimento das mesmas, a relação teórica possibilitada e uma melhor análise e discussão de dados. A tabela 1 apresenta na íntegra a escolha das categorias e subcategorias, bem como os recortes previamente selecionados para a análise.

Tabela 1

Categorias e subcategorias de análise e recortes do artefato cultural

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	RECORTE DO ARTEFATO
Vulnerabilidade	Social	1) Anne está em um trem, partindo do orfanato em que morava para a sua nova casa, na cidade de Green Gables, onde mora o casal de irmãos, Matthew e Marilla Cuthbert, que esperam estar adotando um menino para ajudar no trabalho na fazenda. Sentada no trem, Anne escuta uma criança chorar e expressa em seu rosto sofrimento, devido à lembrança despertada por este choro. Aparece a cena, mostrando sua lembrança, de quando ela estava na casa da família Hammond, para a qual trabalhou por alguns anos, cuidando de oito crianças. A cena mostra a Sra. Hammond dando um tapa no rosto de Anne e lhe dizendo “mandei pôr a comida na mesa há meia hora!”. Anne responde que a bebê precisa trocar a fralda. Ainda, a Sra. Hammond pergunta se ela ordenhou a vaca. Anne responde que não e Sra. Hammond pede que ela lhe dê a bebê e lhe diz “quer as crianças morrendo de fome? Faça algo direito! Você só causa problemas. Não passa de um monte de lixo miserável!”. Após dizer isso, ela a derruba

no chão e diz para Anne: “Depressa! Veremos o que o Sr. Hammond dirá quando chegar em casa”.

2) Anne pergunta a Matthew durante o caminho a cavalo para Green Gables, se havia algo que fazia ele vibrar. Matthew diz que gostaria de se livrar das larvas da plantação de pepino, pois isto lhe faria vibrar. Com isto, Anne conclui que então a Sra. Hammond deveria ter vibrado por ter se livrado dela, quando seu marido morreu. Matthew pergunta quem é a Sra. Hammond e Anne explica que trabalhou para a sua família durante alguns anos, cuidando das crianças, e completa: “Ela tinha oito... Ter tantos filhos parece deixar as pessoas irritadas. O Sr. e a Sra. Hammond viviam bravos”. Neste momento, aparece a cena da lembrança de Anne do Sr. Hammond lhe chamando de espantinho e lhe batendo com algo afiado em um tronco de árvore. Ele acaba atingindo a si próprio no coração, sem intenção, e morre. Anne grita por ajuda para Sra. Hammond e parece muito assustada.

3) Antes de ir falar com a Sra. Spencer, para devolvê-la ao orfanato, Anne lava a louça do café da manhã para mostrar que o faz bem e que deve ficar na casa dos Cuthbert. Enquanto Anne lava a louça, Marilla diz a Matthew que vê que a ideia de adotar foi uma tolice: “Não se pode criar uma família. Parentes, só de sangue”. Com esta fala, Anne evoca uma lembrança, a qual aparece a cena em que ela, a Sra. Hammond e uma funcionária estão no orfanato. A funcionária do orfanato diz a Sra.

Hammond que obviamente ela iria precisar mais ainda de Anne, com o falecimento de seu marido. A Sra. Hammond verbaliza: “Não quero. Vou morar com a minha irmã e não preciso leva-la junto”. A funcionária do orfanato responde que o mesmo está lotado. Sra. Hammond coloca que não precisa de mais uma boca para alimentar. Anne argumenta que ela pode ajudá-la, pergunta se não tem sido útil e pede para não deixá-la no orfanato. A Sra. Hammond responde a Anne que ela não é família e que tem criança suficiente. Também diz a funcionária do orfanato para ela ficar com Anne e pronto, virando as costas e se retirando do local. Ao terminar a cena de sua lembrança, Anne deixa cair uma louça no chão, diz que não quebrou nada e que não irão ficar com ela agora. Marilla diz que não ia ficar, mesmo se isto não tivesse acontecido.

4) Ao caminho para falar com Sra. Spencer, para Anne voltar para o orfanato, Marilla e Anne conversam. Marilla afirma a Anne que ela deve ter ido à escola, e ela diz que não muito, que tinha ido recentemente, quando tinha voltado para o orfanato, após sair da casa da família Hammond. Anne complementa que adora a escola, mas que trabalhando numa casa, com crianças, cozinha, afazeres, ficava impossível.

5) Ao comunicar Anne que a família Barry, seus vizinhos, quer conhecê-la, Marilla diz que ela tem que se comportar, pois é uma família muito respeitável. Diz a Anne que eles possuem duas filhas e uma, Diana, é de sua

idade, que elas podem se tornar amigas. Ao mencionar a palavra amiga, Anne se lembra de como era sua relação com as outras meninas do orfanato. Aparece a cena de sua lembrança: três meninas do orfanato a levam a força para uma sala pequena de noite, pegam um rato morto e uma das meninas diz a ela, aproximando o rato em seu rosto: “Adivinha, Princesa Cordélia? Cansamos de você e de suas histórias... Este ratinho fazia barulho demais, aí caiu na ratoeira. E agora, não faz mais. Então cale a sua boca a partir de agora!”. A menina a derruba no chão, joga o rato em Anne, e todas saem da sala, deixando Anne ali. Anne pega o rato na mão e diz que sente muito. A cena de sua lembrança termina e volta para Marilla conversando com Anne: “Só fale quando falarem com você. Nada de tagarelice... Anne, qual o problema? Está passando mal?” Anne responde que não, que está bem, para ela não se preocupar, pois ficará quieta como um rato.

6) No final do primeiro episódio, Anne é acusada de roubar uma joia ametista de Marilla, importante para ela, pois pertencia a sua avó e recebeu de herança de sua mãe. Marilla a forçou confessar que tinha pego, se não seria mandada de volta para o orfanato. Como Anne não havia pego, inventa que perdeu a joia para poder ficar em Green Gables, mas é mandada de volta para o orfanato mesmo assim. Ao achar a joia, Marilla pede para Matthew trazê-la de volta. Ao encontrá-la na estação de trem, recitando poemas para ganhar dinheiro para comprar passagem, Matthew diz a ela que quer

levá-la de volta para casa, para Green Gables. Ela responde: “Para quê? Para me expulsarem quando bem entenderem? Sou minha própria família agora e só preciso de mim mesma!” Anne continua a oferecer poemas, porém Matthew a interrompe dizendo que veio buscá-la, de tão longe. Anne responde: “Bom para você! Porque eu também vim! E não foi porque eu quis! Tive que viajar até aqui, porque vocês não me quiseram!”. Matthew responde que ele quer ela, e Marilla também. Anne responde que agradecerá se ele a deixasse em paz, ele insiste e ela grita para ele deixar ela em paz. Vendo isto, um homem pergunta a Anne se há algum problema, ela responde que sim, e ele pergunta se Matthew está lhe importunando. Matthew responde que está tudo bem. Anne diz que ele está sim lhe importunando, mas Matthew diz que Anne é sua filha. Surpresa com esta resposta, Anne chora e abraça ele, aceitando voltar.

7) Ao retornar para Green Gables, depois de ter sido mandada de volta para o orfanato, Anne fala para a égua (Belle) que foi horrível o que ela viveu. Ela conta: “Quando vi o orfanato de novo, não imagina o meu pavor. Agora eu voltei, mas não tenho tanta certeza”. Anne é interrompida pelo menino que ajuda no trabalho da fazenda, conversa com ele, e após aparece a cena em que Anne está com sua amiga, Diana. Ela diz a Anne que fica feliz de ela ter voltado. Anne diz que ela é a única, além de Matthew, que também parece estar, e que deve ter convencido Marilla. Sua amiga diz

que não deve ser verdade. Anne retruca dizendo que ela não ficou feliz, nem se importou. Sua amiga lhe conta que Rachel Lynde, uma vizinha, contou a sua mãe que Marilla ficou transtornada depois da partida de Anne, que inclusive ela ficou tão mal que Lynde achou que Marilla adoeceria. Anne diz que é impossível e questiona por que então ela não demonstra. Diz que é difícil acreditar que Marilla ficou triste quando parece não gostar dela. Sua amiga diz “pelo menos está em casa... Eu senti sua falta.” Anne lhe responde: “Não quero parecer ingrata. E meu coração se encheu de alegria por voltar a Green Gables! Mas sinto que podem me expulsar a qualquer hora.” Sua amiga pergunta por que o fariam, agora que tudo se resolveu. Anne diz: “só não quero me apegar demais. Não se tudo vai desaparecer”.

8) É realizado um piquenique com a comunidade de Green Gables. Em um primeiro momento, a mãe de sua amiga Diana, não deixa ela cumprimentar Anne. Após, um homem começa a falar de Anne, e ela escuta: “Parece que os Cuthberts pegaram uma órfã.”. Outra pessoa diz: “Um cachorro órfão”. Uma mulher diz: “Sejamos caridosos... será que pegaram como filha ou como empregada?” Uma menina comenta: “Seu cabelo não é horroroso? Será que frequentará a escola?”. O homem continua: “Onde o mundo vai parar? Ouvi dizer que eles a tiraram de um asilo na Nova Escócia.” Outra mulher questiona: “De um asilo de loucos?”. Um padre responde: “De um orfanato. É claro que poderia dar na mesma. Eles terão que

perseverar”. Duas crianças ao redor de Anne cantam “Você é uma pequena órfã. Morou na lata do lixo... Menina do lixo! Menina do lixo!”. Anne sai correndo e Marilla vai atrás dela.

Criatividade

Conflitos internos

9) Anne está no trem, lembrando-se de quando estava na casa da família Hammond e de como era maltratada. Ela está no assento do trem, indo para Green Gables, sentada ao lado da Sra. Spencer, responsável do orfanato por Anne. A Sra. Spencer pergunta a Anne se ela está bem, visto sua expressão facial, e ela responde: “Prefiro imaginar a lembrar. Por que as piores memórias permanecem?”. Spencer responde que não sabe e diz para ela descansar. Anne recita a frase: “Se todo o mundo odiasse você e a considerasse perversa, mas se sua consciência a aprovasse e a absolvesse da culpa, você não estaria sem amigos”.

10) Ao estar indo de volta para o orfanato, a caminho para falar com a Sra, Spencer, Anne diz a Marilla: “eu decidi desfrutar esta viagem. Por experiência, pode-se ter prazer nas coisas, se acreditar firmemente nisso. Claro que é preciso acreditar firmemente. Acho que nós duas temos isso em comum”.

Anne olha para as gaivotas e diz que gostaria de ser uma, pois são as aves mais alegres do mundo. Também olha para as rosas silvestres e pergunta a Marilla: “O rosa não é a cor mais fascinante? Eu adoro, mas não posso usar. Ruivas não podem usar rosa, nem na imaginação. Conheceu alguém ruiva na infância, mas cujo cabelo mudou ao crescer?”

Marilla responde que é improvável. Anne diz que essa é outra esperança que se vai e recita a frase: “minha vida é um cemitério de esperanças... Li essa frase num livro e a repito para me consolar sempre que me decepção”. Marilla lhe diz que não vê onde está o consolo. Anne responde: “porque soa tão romântico, como se eu fosse a heroína de um livro”.

11) Durante o caminho para falar com a Sra. Spencer, Marilla pergunta a Anne como ela ficou órfã. Anne responde que aconteceu quando ela era bebê. Marilla diz que gostaria de saber como, se ela não se importasse de contar. Anne responde que gosta de contar histórias e inicia dizendo “Em uma terra distante, num lugar cujo nome nem me lembro mais, vivia um fidalgo não faz muito. Daqueles que guardam uma antiga lança e um escudo e têm um cavalo magro e um galgo.” Marilla a interrompe e pergunta “como ousa? Acha que sou tola?”. Anne responde que é uma história melhor do que a dela. Marilla diz que não pediu qualquer história, mas a dela, que se não fosse a verdade, não lhe interessava. Anne diz: “se me deixar contar o que imagino de mim mesma, achará mais interessante”. Marilla lhe diz que desejar que algo seja diferente não faz acontecer. Anne responde “Nunca ouvi nada mais verdadeiro... Meus pais eram Walter e Bertha Shirley. Eles eram recém-casados e pobres feitos ratos de igreja. Morreram de uma febre quando eu tinha 3 meses. Então, eu trabalho para me sustentar desde sempre e acho que foi sorte ir para uma casa, em vez de ter

ficado no orfanato. Eu nunca entendi isso: se crianças são um fardo, por que as pessoas têm tantos filhos? Contudo, é uma pena que eu jamais terei a oportunidade”. Marilla pergunta o que ela quer dizer, Anne responde: “de ser filha”.

Relacionamentos

12) Após chegar de trem, Anne fica esperando na estação por Matthew, seu pai adotivo. Este, porém, esperava por um menino. Matthew então pergunta ao chefe da estação se viu o menino que veio do orfanato com a Sra. Spencer e descobre que é Anne quem veio do orfanato com ela para ser adotada. Quando Matthew vai até Anne, ela se apresenta: “O senhor dever ser Matthew Cuthbert, de Green Gables. Prazer conhecê-lo.” Neste momento, Anne lhe cumprimenta com aperto de mãos, enquanto diz: “Fiquei preocupada e imaginando o que teria acontecido para impedi-lo de vir. Tinha decidido que, se não viesse, caminharia pelo trilho até aquela enorme cerejeira ali, subiria nela e passaria a noite lá. Seria maravilhoso dormir numa árvore em flor sob o luar, não acha?”. Depois de falar isto, Matthew tira a mão de Anne da sua, encerrando o aperto de mãos. Anne lhe diz: “Imagino que o senhor esteja decepcionado comigo. Sei que não pareço grande coisa. Sou magrinha, mas sou bem forte. Saiba que serei sempre grata por me adotarem. Estou feliz por conhecê-lo, Sr. Cuthbert”.

13) Ao caminho para Green Gables, Anne pergunta a Matthew, após falar por aproximadamente um minuto seguido, se está

falando demais e diz “sempre dizem que falo e isso causa aborrecimento. Prefere silêncio? Posso parar. Se me esforçar, consigo parar, embora seja difícil.” Matthew diz não se importar. Anne responde que fica feliz e que tem certeza de que eles se darão muito bem, e continua: “Que alívio poder falar quando quero e não ouvir que crianças devem ficar caladas. Já escutei isso um milhão de vezes. Riem de mim porque eu uso palavras difíceis. Mas há palavras estimulantes e descritivas, como extasiada e gloriosa! Precisa expressar grandes ideias com grandes palavras, não é?”.

14) Anne chega com Matthew em Green Gables, na casa dos irmãos. Marilla, ao ver Anne, questiona a Matthew quem é ela e onde está o menino. Matthew responde que não havia nenhum menino, apenas ela. Marilla diz que devia ser um menino, pois pediram um menino a Sra. Spencer. Matthew disse que ela trouxe a menina e confirmou com o chefe da estação, tendo que trazê-la, pois não podia deixá-la, não importando de quem tinha sido o erro. Marilla disse que foi uma grande confusão e que Anne precisa voltar. Anne verbaliza “Você não me quer? Eu já devia saber. Deveria saber que ninguém iria me querer” e vai ao chão. Marilla pergunta o que ela está fazendo no chão e manda ela se levantar. Anne continua no chão e Marilla pergunta a seu irmão o que acha disso. Matthew responde “acho que ela veio de muito longe para ser decepcionada”. Marilla responde que ela não deveria estar ali e que ele não deveria tê-la trazido para casa.

Após conseguir fazer Anne entrar em casa, Marilla questiona a ela se não havia meninos no orfanato. Anne diz que tinha vários, porém que havia sido especificado de que eles queriam uma menina de sua idade. Marilla diz que sente decepção, mas que não pode fazer nada, pois precisam de um menino para ajudar o Matthew com o trabalho da fazenda, e uma menina não teria utilidade. Anne responde que não entende o porquê ela não pode fazer o trabalho da fazenda sendo menina, dizendo que será útil: “Eu sou forte e prefiro ficar ao ar livre a estar metida na cozinha. Não entendo o problema. Por exemplo, e se, de repente, não houvesse mais meninos no mundo? Nem um só? Não entendo uma menina não poder trabalhar na fazenda, quando meninas podem fazer tudo que garotos fazem, e mais! A senhora se considera frágil e incapaz? Porque eu não me considero. Mas já que estou aqui, não poderia considerar?”. Marilla responde que não e diz para ela tirar essas tolices da cabeça.

15) Após passar a noite chorando, devido ao fato de ter que voltar para o orfanato, no dia seguinte, de manhã cedo, Anne coloca um lençol na cabeça, encenando ser uma princesa. Anne verbaliza: “Querida Rainha da Neve, eu aceito a sua oferenda. Tivesse eu um livro, colocaria estas flores sagradas entre as páginas para me lembrar para sempre deste momento tão precioso. No entanto, eu, Princesa Cordélia, estimarei este presente para sempre. Que meu beijo prove minha devoção...”. Marilla a interrompe e pede o que ela está fazendo e por

que ela não está vestida. Ela responde que estava imaginando que aquela manhã era diferente do que é: “Estava fazendo de conta que eu era uma bela princesa e que este era o meu quarto sagrado no alto de uma torre de pedra”. Marilla manda ela parar, Anne pede desculpa e diz que o quarto e sua linda cerejeira lhe deram alcance para a imaginação. E disse que desejou fortemente que lhe dissessem que decidiram que ela poderia ficar. Marilla responde dizendo para ela fazer a mala e descer para a sala, pois após o café da manhã iriam falar com a Sra. Spencer. Anne arruma a mala, coloca galho da árvore de cerejeira nesta e sai do quarto, observando atentamente cada detalhe da casa. Anne pega um objeto na mão, Marilla a vê e pergunta se ela pegou alguma coisa, e Anne explica que estava memorizando. Marilla pede para ver sua mala, tira o galho de flor de cerejeira que Anne pegou da árvore e manda-a parar de xeretar e tomar o café da manhã. Anne vai tomar café, com os dois irmãos na mesa, e verbaliza: “Estou com fome essa manhã. O mundo não parece mais um lugar selvagem, como era ontem à noite. Que bom que faz sol e não precisaremos voltar na chuva. Isso seria muito difícil de suportar. É muito bom ler histórias tristes e se imaginar passando por elas heroicamente, mas não é fácil se está triste, não?” Marilla diz para ela segurar a sua língua, pois fala demais. Anne, então, se cala. Após, Matthew comenta a possibilidade de um menino francês trabalhar na colheita. Anne se levanta da cadeira e diz

que sabe ordenhar, cortar lenha, lavar roupa, passar, tirar pó, varrer e várias outras coisas. Ela diz: “Não há limite para o que posso fazer se me deixarem. Vou lavar a louça e verá que eu lavo bem.”.

16) Após Marilla reconsiderar a adoção de Anne, resolve dar cinco dias para testar se ela será útil para o trabalho na fazenda. Anne acorda cedo e diz aos irmãos Cuthbert que já realizou uma tarefa, tendo recolhido os ovos. Ela diz: “Acordei antes que o sol nascesse. Estava animada demais para dormir. Queria começar a provar que devo ficar”.

17) Sra. Lynde, vizinha dos Cuthbert, fala da aparência de Anne, chamando-a de magra e sem graça demais, só pele e osso. Também fala de suas sardas e de seu cavalo ruivo como uma forma de depreciação. Anne grita para a Sra. Lynde que a odeia, pergunta como ousa chama-la de magra, feia, ruiva e sardenta, a chamando de mulher grosseira e insensível. Além disto, pergunta a ela o que acharia se dissessem isso dela, se a chamassem de gorda, desajeitada e que provavelmente não tem uma faísca de imaginação, e que não se importa se a magoou dizendo isto, que espera tê-la magoado, pois ela a magoou como ninguém antes. Anne diz para ela que jamais irá perdoá-la. Anne sai correndo e aparece por um tempo depois, dizendo que precisava ponderar. Marilla exige a Anne que peça perdão para a Sra. Lynde e diz que ela não poderá sair do quarto até não fazê-lo. Anne diz que não pode se desculpar, pois ela não se arrepende do que disse, apenas de ter

aborrecido à Marilla. Anne fica no quarto por bastante tempo, até que Matthew vai conversar com ela para que ela peça desculpas. Anne diz que a ideia parece humilhante e injusta, além de não ser verdadeiro. Matthew diz que ela é inteligente e que irá encontrar as palavras certas. Também argumenta dizendo que gosta de pensar que um dia ela não se importará com o que os outros dizem e convence Anne a tentar pedir desculpas. No dia seguinte, Anne vai se desculpar com Rachel Lynde, sendo enfática e dramática em seu pedido, ajoelhando-se para Rachel: “Ah, Sra. Lynde, sinto muito mesmo! Não poderia expressar meu pesar. Nem que usasse o dicionário inteiro! Me comportei muito mal e envergonhei meus caros amigos, os Cuthberts, que podem me deixar ficar mesmo sendo menina. Sou terrivelmente malcriada e ingrata, e mereço ser castigada e expulsa da sociedade respeitável para sempre! Foi errado eu ter me enfurecido, porque a senhora me disse a verdade. Era verdade. Cada palavra que me disse é verdade. Meu cabelo é vermelho e sou sardenta, e magricela e feia! O que eu disse também é verdade, mas não devia ter dito, Sra. Lynde! Por favor, por favor, me perdoe! Se não me perdoar, esta pobre órfã sentirá tristeza por toda a vida. Por favor, diga que me perdoa, Sra. Lynde!”. A sra. Lynde diz para ela se levantar e que a perdoa. Diz também que acha que foi um pouco dura com Anne, mas que é uma pessoa franca, e para ela não levar a mal. Anne lhe responde: “obrigada pela sua consideração. Não vejo a hora de não

me importar com o que diz.” Após pedir perdão, saindo da casa de Sra. Lynde, Anne diz a Marilla: “Vou provar que mereço ficar, Srta. Cuthbert. Estou pensando em uma lista de como posso ser útil a vocês. Além de tarefas na casa, posso ajudar nos afazeres fora também. Sou mais forte do que pareço”.

18) Após ter sido mandada de volta para o orfanato, Anne não retorna para este e tenta ir para outra cidade. Anne recita poemas para ganhar dinheiro para comprar passagem de trem para Halifax. Em um primeiro momento, ela recita a um casal, que lhe dão algumas moedas. Depois, ela pergunta a uma senhora se ela se interessaria em escutar um poema declamado em voz alta com grande emoção. A senhora se recusa. Assim acontece com outra senhora que também se recusa a ouvir. Anne persiste dizendo que precisa comprar passagem de trem para Halifax, afirmando que a pessoa irá gostar do poema, porém ela se recusa a ouvir também. Anne continua e pergunta a um homem se ele estaria interessado num estimulante conto de efeitos heroicos e atos de bravura. Ele também nega. Anne demonstra desapontamento, mas tenta novamente e fala para duas mulheres que estão sentadas: “Com licença, eu poderia transportá-las, por alguns minutos, com uma recitação romântica repleta de tragédia de um amor não correspondido?”. Desta vez, uma das mulheres lhe dá uma moeda e Anne recita o poema, porém é interrompida por Matthew, que a encontra.

19) Srta. Cuthbert diz a Anne que ela pode

chamá-la de Marilla, ao invés de Sra. Cuthbert. Ela pede se pode chama-la de tia Marilla, pois lhe daria o sentimento de pertença. Marilla diz que não é tia dela e que não acha certo usar nomes que não são das pessoas. Anne diz que elas poderiam imaginar que ela é sua tia. Marilla diz que não poderia e Anne a questiona se ela nunca imagina as coisas diferentes do que são. Ela responde que não e Anne diz que ela perde muito. Marilla diz que gostariam que Anne assinasse seu nome na Bíblia da família Cuthbert. Anne diz que gostaria de uma solenidade, como dar as mãos sobre um rio e jurar lealdade, como Cuthberts, para sempre, ou furar o dedo e mistura o sangue simbolizando eterna devoção mútua. Ela diz: “Bom, deveria haver algum tipo de cerimonia para um momento tão auspicioso. Como nunca pertenci a uma família antes, eu creio que é o caso de muita solenidade.” Marilla sugere que bebam um cálice de licor de framboesa para comemorar.

DISCUSSÃO

Para a discussão das categorias, é importante destacar que se buscou o entendimento da condição de vulnerabilidade social com base em situações de vida de uma personagem específica, Anne. Contudo, conforme abordam Gomes et al. (2015), para compreender a vulnerabilidade social, deve-se desconstruir um olhar individualizante, não colocando a condição de vulnerável sob responsabilidade do indivíduo ou sua família. Portanto, considerou-se, neste trabalho, o contexto social da personagem, entendendo-se que um indivíduo em circunstâncias similares estaria em situação de vulnerabilidade social. É importante destacar também que nas cenas 1, 2, 3 e 5 são retratadas lembranças de Anne referente à sua percepção de como ocorreram alguns fatos de sua história. Sendo assim, a discussão destas cenas será realizada com base na percepção da personagem, não sendo possível afirmar que de fato ocorreram da forma apresentada.

Na cena 1 e 2, é demonstrado que Anne é cobrada por tarefas, como colocar a comida na mesa e ordenhar a vaca, além de ter que cuidar de oito crianças, sendo que ela teria menos de treze anos. Observa-se, neste contexto, a questão do trabalho infantil, que como aborda Fonseca et al. (2013), explica-se pela fragilidade da estrutura familiar, o que evidencia a vulnerabilidade. Por mais que esta não seja a família biológica de Anne, ela refere ter vivido com eles por muito tempo, e pode-se dizer que esta família assumiu um papel importante em seu desenvolvimento. Além de ser uma família numerosa, de oito filhos, Anne parece ter sido adotada apenas para trabalhar e não para pertencer à família, o que pode indicar inadequação nesta estrutura familiar, pelo menos no que diz respeito à Anne. Na cena 4, isto também é percebido, uma vez que ela fala da impossibilidade de ir à escola, devido ao trabalho em casa, com crianças, cozinha e afazeres.

Neste sentido, também é importante destacar esta privação à escola que a personagem relata, além do trabalho infantil. Guareschi et al. (2007) relacionam mobilidade social à vulnerabilidade social, a falta de acesso de bens e serviços básicos impossibilitam os indivíduos de melhorarem suas condições de vida e de aumentar níveis de bem-estar. Sendo assim, pode-se dizer que o acesso à educação, através da escola, é privado na vida de Anne, sendo que ela mesma verbaliza seu desejo de ir à escola, como quem reconhecesse a importância da mesma e as possibilidades de desenvolvimento que a mesma oportuniza. Com isto, entende-se que a privação do acesso aos direitos, como à educação, está relacionada à situação de vulnerabilidade social. (Ayres, 2014; Gomes et al., 2015). Fonseca et al. (2013) afirmam que poucas possibilidades de acesso a instituições e aos serviços públicos também comprovam situação de vulnerabilidade social.

Ainda nas cenas 1 e 2, Anne é agredida, com um tapa em seu rosto e derrubada no chão pela Sra. Hammond e também violentada em um tronco de árvore pelo Sr. Hammond. Além da violência física, pode-se dizer que há também violência psicológica, quando a Sra. Hammond diz: “Você só causa problemas. Não passa de um monte de lixo miserável!” (sic.). Estas situações na vida de Anne parecem ter sido recorrentes, pois ela relata que ficou por muitos anos nesta família, e que eles, Sr. e Sra. Hammond, “viviam brabos” (sic.). Neste contexto, é possível se pensar em situação de risco, atrelada à situação de vulnerabilidade social, no que se refere aos danos físicos e morais causados à Anne. (Costa em Hillesheim & Cruz, 2008).

Além de ter sido agredida pelo Sr. Hammond, pode-se pensar que Anne vive uma experiência traumatizante, representada nas cenas 2 e 3. Ao mesmo tempo em que sofreu agressão, presenciou a morte de seu agressor, que posteriormente resultou em uma situação de abandono, tendo que ir para o orfanato. A Sra. Hammond, ao negociar a ida de Anne ao orfanato, verbaliza que não a deseja e que ela não é família. Esta fragilidade nos vínculos aparece também nas cenas 6 e 7, como quando os irmãos Cuthbert levam de volta Anne para o orfanato, por suspeita de ela ter roubado uma joia de Marilla. Quando encontram a joia, Matthew vai atrás de Anne, pede para voltar para casa, e ela responde: “Para quê? Para me expulsarem quando bem entenderem? Sou minha própria família agora e só preciso de mim mesma!” (sic.). Percebe-se que Anne possui grande fragilidade de vínculos afetivos e relacionais, sendo este um aspecto importante relacionado ao conceito de vulnerabilidade social, definido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2004).

Isto também pode ser percebido quando Anne, na cena 7, a respeito de estar de volta na casa dos irmãos Cuthbert, em Green Gables, revela a instabilidade em saber se realmente irá ficar na casa dos irmãos. Ela verbaliza que voltou para Green Gables, mas que não tem tanta certeza e que não quer se apegar demais, pois há a possibilidade de tudo desaparecer, isto é, dos vínculos se romperem novamente. É possível perceber que Anne revive situações de abandono e instabilidade nas relações, mostrando mais uma vez a fragilidade de seus vínculos.

Para além disso, pode-se pensar que o contexto do orfanato coloca Anne em uma situação de vulnerabilidade social, demonstrado na cena 5, na fala de sua colega de orfanato, que zomba de Anne: “Adivinha, Princesa Cordélia? Cansamos de você e de suas histórias” (sic.). Esta colega e outras duas amedrontam Anne com um rato morto, ameaçando-a para que ela não falasse mais, assim como o rato, que não fazia mais barulho. Neste sentido, pode-se identificar que a personagem está em um contexto desfavorável

para que ela se expresse como sujeito, reforçado também pelo imperativo de Marilla à Anne: “Só fale quando falarem com você. Nada de tagarelice” (sic.), ao que ela responde: “não se preocupe, ficarei quieta como um rato” (sic.), remetendo a sua lembrança, citada anteriormente. Segundo Fonseca et al. (2013), um dos aspectos importantes para a avaliação de menor ou maior vulnerabilidade social consiste em avaliar as possibilidades do sujeito estar livre de repressões violentas ou poder defender-se delas. Portanto, pode-se compreender que esta cena retrata uma coerção violenta à Anne, a qual se pode sugerir não ter sido um fato isolado na vida de Anne, indicando vulnerabilidade social.

A discriminação está relacionada ao pertencimento social e a fragilidade deste pertencimento diz respeito à situação de vulnerabilidade social, conforme o conceito desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2004). Na cena 8, é retratado um piquenique realizado em Green Gables, com os moradores da cidade. Pode-se perceber, nesta cena, algumas formas de discriminação à Anne, como o fato da mãe de sua amiga não deixar a filha cumprimentar Anne, o fato de alguns moradores utilizarem termos como “cachorro órfão”, “pequena órfã” e “menina do lixo”, bem como referirem ao orfanato como um “asilo de loucos”. É possível perceber que o fato de Anne ser órfã é motivo de discriminação por grande parte desta comunidade, bem como da sociedade da época. Em decorrência disto, pode-se dizer que Anne sugere estar vulnerável no que se refere ao pertencimento social, em relação tanto à questão de não pertencer a uma família quanto de discriminação social.

Em relação à subcategoria de criatividade, conflitos internos, na cena 9, Anne está no trem, lembrando-se de quando estava na casa da família Hammond. Ao ser questionada por Sra. Spencer se ela está bem, Anne responde que prefere imaginar a lembrar, ela também diz: “Se todo o mundo odiasse você e a considerasse perversa, mas se sua consciência a aprovasse e a absolvesse da culpa, você não estaria sem amigos” (sic.). Pode-se dizer que Anne usa isto como uma maneira para lidar com seu conflito interno, provocado por uma memória, bem como para ressignificar a mesma, parecendo afirmar que sua vida é digna de ser vivida, mesmo que digam o contrário. Conforme Winnicott (1975), a criatividade é um fator primordial para esta concepção de existência do sujeito, podendo-se dizer que Anne utiliza-se desta frase como um recurso para um viver criativo.

A criatividade é contrária à submissão à realidade externa, segundo a teoria winnicottina. Neste sentido, pode-se compreender que a frase recitada por Anne é usada por ela como uma forma da mesma não se submeter à realidade externa, isto é, não se submeter ao “ódio das pessoas e a opinião das mesmas sobre considerá-la perversa” (sic.). No que se refere a sua lembrança, Anne está sendo insultada pela Sra. Hammond de

diversas maneiras, sendo que ela a chama de inútil, lixo miserável e lhe diz que ela só causa problemas. Porém, Anne “aprova a si mesma e absolve-se da culpa” (sic.), como quem se utiliza da criatividade para conceber sua existência como digna de ser vivida, indo contra ao que foi dito a respeito dela pela Sra. Hammond.

Anne demonstra também criatividade no que diz respeito a ser atuante em sua vida e na maneira dela solucionar os problemas. O viver criativo proposto por Winnicott está relacionado a esta possibilidade do ser humano de criar a sua própria história (Malavolta & Biazus, 2014). Na cena 10, ao falar sobre sua decepção de ser ruiva e Marilla lhe dizer que isto é algo improvável de ser mudado quando ela crescer, Anne diz “minha vida é um cemitério de esperanças... Li essa frase num livro e a repito para me consolar sempre que me decepciono” (sic.). Através desta fala parece que Anne, mesmo em contextos desfavoráveis e de pouca esperança, encontra outras possibilidades e alternativas.

Isto pode ser percebido quando ela fala que esta frase soa para ela como se ela fosse “a heroína de um livro” (sic.). Pode-se relacionar o termo heroína, utilizado por Anne, como um protagonismo de sua história, isto é, ela demonstra não se colocar em um papel de vítima das circunstâncias de sua vida. Pelo contrário, parece que Anne entende que algumas coisas ela não pode mudar sobre ela mesma e sua história, mas que isto não determina a sua existência. Neste sentido, Anne, mesmo decepcionada, parece fazer uso da frase como uma forma de afirmar que ela é a protagonista de sua história.

Antes de contar sua verdadeira história de como ficou órfã, na cena 11, Anne parece inventar um “faz-de-conta”, usando sua imaginação, e é repreendida por Marilla por isto. Anne, então, diz a ela: “se me deixar contar o que imagino de mim mesma, achará mais interessante” (sic.). Neste contexto, Anne parece criar uma história, como uma forma de ir além dos fatos da sua própria. Entretanto, ela parece fazer isto não como uma forma de negar ou fugir da realidade, pois a reconhece, o que é possível notar quando ela concorda com a fala de Marilla, de que “desejar que algo seja diferente não faz acontecer” (sic.). Para Sakamoto (1999), o criar é uma forma de ampliar a consciência do ser, do sentir e do agir. Esta capacidade de criar parece ser demonstrada nesta fala de Anne, bem como no fato de ela usar a imaginação, como uma forma de pensar, ser, sentir e agir diferente e além do que está posto.

A respeito de sua história pregressa, principalmente no que se refere aos anos iniciais, não é possível fazer uma análise clara de suas primeiras relações. Do mesmo modo, suas referências à mãe são escassas, o que impossibilita estabelecer inferência precisa a respeito da relação mãe-bebê. Pode-se apenas supor que a mãe de Anne tenha

sido, no mínimo, suficientemente boa, tendo conseguido estabelecer um vínculo satisfatório com sua filha, de forma que essa pudesse no futuro exercer sua criatividade.

O conceito de *holding* proposto pela teoria winnicottiana refere-se à sustentação ao bebê no sentido de lhe dar segurança de que é amado e desejado como filho (Malavolta & Biazus, 2014). Anne verbaliza que jamais terá a oportunidade de ser filha. Entende-se que em seu contexto de vida atual retratado na série, Anne não possui esta firmeza de que é desejada e amada como filha, porém pode-se supor que inicialmente, mesmo que por pouco tempo, esta experiência foi satisfatória, pois é o que permite o desenvolvimento da criatividade pelo sujeito. Além do viver criativo, o *holding* e a maternagem suficientemente boa facilita o processo de integração egoica posteriormente (Malavolta & Biazus, 2014; Maia & Vieira, 2016).

Em relação à cena 12, no que se refere à subcategoria relacionamentos, Anne cria uma alternativa para caso ninguém fosse buscá-la, ela diz “fiquei preocupada e imaginando o que teria acontecido para impedi-lo de vir. Tinha decidido que, se não viesse, caminharia pelo trilho até aquela enorme cerejeira ali, subiria nela e passaria a noite lá. Seria maravilhoso dormir numa árvore em flor sob o luar, não acha?” (sic.). Winnicott (1982), a respeito da criatividade, aborda que através da amamentação se desenvolve no bebê uma convicção de que o mundo pode conter o que é querido e preciso. Anne, apesar de uma possível frustração, parece ter esta convicção, pois enxerga a cerejeira como algo para passar a noite, como quem acredita que o mundo pode conter o que é necessário e importante. Sendo assim, pode-se sugerir que Anne teve sua experiência de amamentação de forma que favoreceu o desenvolvimento de seu *self* de forma integrada, ou seja, através de um ambiente minimamente facilitador.

Na mesma cena, Anne tem a percepção de que Matthew ficou decepcionado ao vê-la. Entende-se que ela reconhece a realidade de quem ela é ao dizer “não pareço grande coisa, sou magrinha” (sic.), mas enxerga seus potenciais ao dizer que é bem forte (sic.). Winnicott (1975) afirma que é sendo criativo que o sujeito pode descobrir o Eu e existir como unidade. Pode-se pensar que Anne consegue expressar quem ela é e ser ela mesma, mesmo em situações e ambientes desfavoráveis, reconhecendo seus defeitos, mas também suas potencialidades, que para ela não podem ser anuladas por suas limitações. Isto pode estar relacionado a um *self* integrado e um viver criativo, que segundo Winnicott (1975), é uma “expressão do eu sou, eu estou vivo, eu sou eu mesmo” (p. 82).

Na cena 13, em que Anne verbaliza: “Que alívio poder falar quando quero e não ouvir que crianças devem ficar caladas. Já escutei isso um milhão de vezes. Riem de mim porque eu uso palavras difíceis. Mas há palavras estimulantes e descritivas, como extasiada

e gloriosa! Precisa expressar grandes ideias com grandes palavras, não é?”. Pode-se entender que Anne não se submete à realidade externa, sendo que segundo Winnicott (1975), esta submissão pode ser considerada como um fator de doença para o sujeito. Tendo isto em vista, é possível supor que se Anne não expressasse quem ela é e ficasse calada como o meio a impõe, poderia estar em sofrimento, contudo, ela não se submete a isto, lidando com as situações de maneira que pode ser considerada criativa.

Neste sentido, esta insubmissão à realidade externa também pode ser observada na cena 17, em uma situação diferente. Marilla exige de Anne que ela se desculpe para a Sra. Lynde, até como uma condição de Anne poder ficar morando com eles. Sendo assim, Anne encontra uma alternativa para resolver a situação, sem que isto contraponha suas convicções. Isto é, de modo criativo ela faz aquilo que está lhe sendo solicitado, sem ir contra ao que ela pensa de verdade, inclusive ela verbaliza “o que eu disse também é verdade, mas não devia ter dito” e também quando ela diz “não vejo a hora de não me importar com o que diz.” (sic.).

Na cena 14, Anne sente-se decepcionada quando chega à casa dos irmãos Cuthbert e não é bem recebida por Marilla, que esperava um menino para ajudar nas tarefas da fazenda. Anne se ilude que pode permanecer na casa e age, argumentando, para que isso seja considerado. Anne demonstra conseguir aceitar e utilizar a desilusão, por ter a capacidade de se iludir de que pode permanecer na casa dos Cuthbert. Abadi (1998) aborda que uma experiência suficientemente boa produz a ilusão de que a realidade corresponde à capacidade do sujeito de criar. Também Anne contesta o fato de meninas não poderem trabalhar na fazenda, algo muito presente na época em que a série é retratada, o que pode ser observado em sua fala “não entendo uma menina não poder trabalhar na fazenda, quando meninas podem fazer tudo que garotos fazem, e mais! A senhora se considera frágil e incapaz? Porque eu não me considero” (sic.). Esta visão crítica de sua sociedade pode estar associada ao fato de Anne não se submeter à realidade externa, o que possibilita que ela se iluda que pode permanecer e realizar o trabalho na fazenda.

Do mesmo modo, na cena 15, após passar a noite chorando, por ter que voltar ao orfanato, Anne faz de conta que é uma princesa, parecendo usar a imaginação como uma forma de criar outro desfecho para a situação, acreditando na possibilidade de que ainda podem decidir ficar com ela. Isto é, é possível notar que Anne mais uma vez se ilude de que poderá ficar na casa dos irmãos Cuthbert. Ela também declara que “o mundo não parece mais um lugar selvagem, como era ontem à noite” (sic.), trazendo a ideia novamente de que o mundo pode proporcionar o que é desejado e necessário, que no contexto da personagem, entende-se que ela deseja ser aceita e pertencer a uma família.

“É muito bom ler histórias tristes e se imaginar passando por elas heroicamente, mas não é fácil se está triste, não?” (sic.). Com esta frase pode-se observar a capacidade de Anne de viver criativamente, apesar de um ambiente desfavorável ou de uma situação de vulnerabilidade. Ela se imagina enfrentando histórias tristes heroicamente, ou seja, pode-se considerar que Anne exerce um protagonismo diante da vida e encontra diferentes alternativas para que tenha uma existência digna de ser vivida. Na sucessão da mesma cena, mesmo tendo sido ordenada por Marilla para se calar, Anne, inconformada com o fato de quererem um menino na fazenda, levanta-se e fala que “não há limite para o que eu posso fazer, se me permitirem” (sic.).

Após Marilla resolver testar Anne por cinco dias para no trabalho na fazenda, ela levanta cedo para recolher os ovos, como descrito na cena 16. Pode-se dizer ela se ilude que pode ficar com os irmãos Cuthbert, agindo para isto, trabalhando na fazenda. Da mesma maneira, na cena 17, Anne diz que irá provar que merece ficar e que está pensando em uma lista de como pode ser útil a eles, com as tarefas da casa e da fazenda. Neste contexto, pode-se considerar o trabalho também como uma forma de viver criativamente, como aborda a teoria winnicottiana, de que tudo é criativo, no que diz respeito ao brincar como uma área intermediária de experimentação de vida, que permite ao sujeito utilizar sua personalidade integral (Winnicott, 1975).

Na cena 18, isto também pode ser observado, pois Anne recita poemas como uma forma de ganhar dinheiro para conseguir atingir seu objetivo de ir para outra cidade e não voltar para o orfanato. Apesar de encontrar dificuldades, pois muitas pessoas se recusaram a ouvi-la, ela persiste e se utiliza de um recurso incomum, como recitar poemas, para enfrentar o abandono sofrido e para não voltar para o orfanato. Sendo assim, pode-se pensar que o processo criativo para o desenvolvimento psíquico de Anne foi bem sucedido, pois em diferentes situações ela demonstrou maneiras adequadas e saudáveis de vivenciá-las.

Na cena 19, Anne mostra como a criatividade está desenvolvida em sua constituição como sujeito, quando ela diz que imagina que as coisas podem ser diferentes do que são. Parece que Anne usa a imaginação como uma forma de se iludir, porém reconhece a realidade, permitindo a desilusão, o que favorece a expressão dela como ser humano. Este processo está relacionado à ideia de estar vivo, como define Winnicott (1975), a respeito da criatividade. Na mesma cena, em que Anne vai assinar o livro da família, parece que ela propõe a solenidade como uma forma de ampliar a consciência do ser, do sentir e do agir.

É neste sentido que é possível relacionar o papel da Psicologia Social, uma vez que esta tem como problema central a transformação do indivíduo em sujeito, estudando as condições que impedem e possibilitam esta transformação. Neste contexto, pode-se dizer que o processo criativo, conforme a teoria winnicottiana, está associada à busca da Psicologia Comunitária de uma construção integral da personalidade do sujeito e de sua individualidade crítica, com o objetivo de promover o protagonismo dos sujeitos de sua própria história e na busca da resolução dos problemas enfrentados (Campos, 2005). Considerando-se que o compromisso desta prática é a transformação social e que esta pode promover a diminuição da desigualdade social e da violação de direitos, pode-se dizer que a Psicologia Comunitária pode contribuir para a diminuição da vulnerabilidade social, atuando através das políticas públicas, e para à promoção de um viver criativo.

Entende-se que o objetivo proposto neste trabalho foi alcançado, na medida em que se percebeu que os dados analisados apontaram para a possibilidade de um viver criativo frente a uma situação de vulnerabilidade social, bem como possíveis contribuições do psicólogo, com destaque à área da Psicologia Comunitária. No caso de Anne, a criatividade foi fortemente utilizada em sua vida, sendo este um recurso que a possibilitou diferentes alternativas para superar suas dificuldades, bem como em relação à situações de vulnerabilidade social. Anne parece se constituir como sujeito, sendo protagonista de sua história e firmando sua existência como digna de ser vivida. Assim, finaliza-se essa discussão considerando que a promoção do viver criativo deve ser estimulada e incentivada para o desenvolvimento saudável dos sujeitos, em diferentes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vulnerabilidade social se refere a uma demanda dos dias atuais com ampla repercussão em diferentes âmbitos, portanto, necessita de relevante consideração. Além disso, há a necessidade de um olhar atento às fragilidades de crianças e adolescentes inseridas em contexto de vulnerabilidade social. Tendo isto em vista, é imprescindível o envolvimento do profissional de Psicologia, salientando-se a importância do compromisso social deste profissional. Dessa maneira, há destaque especial à área da Psicologia social frente a essa crescente demanda, bem como para a aplicação das políticas públicas disponíveis para a grave situação. Entende-se que a prevenção e a intervenção precoce podem minimizar riscos e capacitar o indivíduo para inserção social satisfatória. Aumentam-se, assim, as possibilidades de agregar aspectos saudáveis para o sujeito, através de práticas e intervenções aprimoradas e ampliadas.

Foi através de diversas formas, como o uso de sua imaginação, poesias e trabalho na fazenda, que talvez Anne tenha dado leveza às suas memórias dolorosas e ressignificado sua infância de perdas e tristezas. Assim, sua criatividade apresenta-se com um recurso utilizado para a elaboração ativa dos traumas vividos, como uma maneira própria de significar as adversidades e lidar com elas. Pode-se inferir que talvez Anne elaborou parte de sua infância de abandono, maus tratos, criando sua própria história, utilizando sua personalidade integral e existindo como unidade, isto é, vivendo criativamente, conforme a teoria winnicottiana propõe.

Pode-se perceber que no decorrer das cenas, Anne esteve exposta a uma considerável quantidade de fatores que poderiam representar risco. A morte prematura dos pais, o abandono pela família Hammond, a instabilidade nos vínculos afetivos, a passagem pelo orfanato e a discriminação social vivida representaram sua possível situação de vulnerabilidade social. Estes aspectos podem indicar fatores de riscos capazes de aumentar a probabilidade de ela desenvolver algum problema emocional, social ou mesmo físico. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que estes fatores não foram capazes de influenciar na sua capacidade criativa, talvez o principal fator pessoal capaz de fazer com que Anne demonstre conceber que sua vida é digna de ser vivida.

Considerando que a presença de uma mãe suficientemente boa é fator chave para o desenvolvimento da criatividade, é possível inferir que Anne teve uma boa constituição psíquica no que dependia da relação materna. Assim, a criatividade foi exercida na vida de Anne, que conseguiu criar alternativas diferentes para as condições desfavoráveis em que viveu, bem como para os seus piores acontecimentos.

Portanto, este trabalho alcançou o objetivo proposto, na medida em que conseguiu estabelecer uma relação entre os dois construtos propostos: a vulnerabilidade social e a criatividade winnicottiana. Por fim, constata-se a indispensabilidade de implementar e aprofundar estudos que abranjam essa temática. Ampliar o entendimento, bem como aprimorar as práticas é essencial para possíveis intervenções conectadas a este contexto. A crescente demanda sinaliza que esse é um assunto que não se esgota, de maneira que, também, aponta para a necessidade de novas investigações.

REFERÊNCIAS

- Abadi, S. (1998). *Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ayres, J. R. (2014). Vulnerabilidade, direitos humanos e Cuidado: aportes conceituais. In S. Barros, P. F. S. Campos & J. J. S. Fernandes (Eds.), *Atenção à saúde de populações vulneráveis*. (pp. 1-25). Barueri: Manole.
- Campos, R. H. F. (Ed.). (2005). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (10ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Costa, N. R. A. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2009). Acolhimento Familiar: Uma Alternativa de Proteção para Crianças e Adolescentes. [Versão Eletrônica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 111-118. Universidade de São Paulo: Brasil.
- Ferreira, R. C. (2014). *Psicologia Social e Comunitária: fundamentos, intervenções e transformações*. São Paulo: Editora Érica.
- Fonseca, F. F., Sena, R. K. R., Santos, R. L. A., Dias, O. V. & Costa, S. M. (2013). As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. [Versão Eletrônica]. *Revista Paulista de Pediatria*, 31(2), 258-264. Acesso em 25 de Março, 2019, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6ª ed.) São Paulo: Atlas.
- Guareschi, N. M. F., Reis, C. D., Huning, S. M. & Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. [Versão Eletrônica]. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 17-27.
- Gomes, C. A. V., Santos, B. V. B. S., Santos, F. L., Santos, G. M. O., Andrade, M. H., Neves, A. F., Baldin, M. S., Pinheiro, S. P. S. & Depicoli, H. H. F. (2015). Políticas públicas e vulnerabilidade social: uma reflexão teórica a partir de experiência de estágio. *Revista Ciência em Extensão*, 11(1), 116-130. Acesso em 08 de Outubro, 2018, de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/868/1096
- Hillesheim, B. & Cruz, L. D. (2008). Risco, vulnerabilidade e infância: algumas aproximações. [Versão Eletrônica]. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 192-199.
- Lane, S. T. M. (2005). Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In R. H. F. Campos (Ed.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (10ª ed.). (pp. 17-34). Petrópolis: Editora Vozes.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2017). *Metodologia científica* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.

- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Leão, S. M., Oliveira, I. M. F. F & Carvalho, D. B. (2014). O psicólogo no campo do bem-estar social: atuação junto às famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco social no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). [Versão Eletrônica]. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14 (1), 264-289.
- Maia, M. V. C. M. & Vieira, C. N. M. (2016). Criatividade docente: Winnicott e a Construção de subjetividades. [Versão Eletrônica]. *Revista Subjetividade*, 6(1), 64-67. Acesso em 15 de Outubro, 2018, de <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.64-77>
- Malavolta, A. P. P. & Biazus, C. B. (2014). O vínculo entre arte, psicanálise e loucura: por um espaço de criação e invenção. [Versão Eletrônica]. *Psicologia em Foco*, 6(7), 26-39. Acesso em 15 de Outubro, 2018, de <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1565/1775>
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2004). *Política Nacional de Assistência Social - PNAS*. Acesso em 30 de Setembro, 2018, de https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf
- Nakano, T. C. & Zaia, P. (2012). Criatividade e Inteligência Emocional em Crianças: Um Estudo Relacional. [Versão Eletrônica]. *PSICO*, 43 (3), 388-399. Acesso em 15 de Outubro, 2018, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10608/8240>
- Ribeiro, M. E. & Guzzo, R. S. L. (2014). Psicologia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS): reflexões críticas sobre ações e dilemas profissionais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(1), 83-96. Acesso em 8 de Outubro, 2018, de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/322/1/Maisa%20Elena%20Ribeiro.pdf>
- Sakamoto, C. K. (1999). *A criatividade sob à luz da experiência: A busca de uma visão integradora do fenômeno criativo*. Tese de doutorado não-publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia escolar e do desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Viana, C. V. A., Imbrizi, J. M., & Jurdi, A. P. S. (2017). Narrativas sobre o brincar: aproximação da experiência infantil. [Versão Eletrônica]. *Psicologia & Sociedade*, 29, 1-12.
- Walley-Beckett (diretor). (2017). *Anne with an E* [Série]. Canadá: Netflix.

- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (Abreu, J. O. A., Nobre, V. Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1982). *Da pediatria à psicanálise: textos selecionados*. (Russo, J. Trad.). (2ª ed.). Rio de Janeiro, Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana* (Bogomoletz, D. L. Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Zaniani, E. J. M. & Boarini, M. L. (2011). Infância e vulnerabilidade: repensando a proteção social. [Versão Eletrônica]. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 272-281.